
O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÊNFASE DADA À GRAMÁTICA

THE TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE IN BASIC EDUCATION: CONSIDERATIONS ABOUT THE EMPLOYMENT GIVEN TO GRAMMAR

LUCENA, Cícero Silva de

INTA – Instituto Superior de Teologia Aplicada

SILVA, Ana Gomide Santos

INTA – Instituto Superior de Teologia Aplicada

RESUMO

O presente artigo é parte de uma pesquisa intitulada “Língua Portuguesa: uma análise sobre o ensino nas séries iniciais” objetivando analisar como o ensino da língua portuguesa é ministrado. A linha metodológica utilizada é o Materialismo Histórico Dialético o qual possibilita a visão da totalidade e das contradições presentes no processo de ensino. Foi desenvolvido, tendo por base teórica os seguintes autores: Silva (2000), Lima (2006), Bagno (1999), Antunes (2007), Neves (2002), Cury (1985) e Perini (2006). A ênfase dada ao ensino exclusivamente da gramática em sala de aula ignora o objeto principal de ensino da Língua Portuguesa, a linguagem em suas várias modalidades, atendo-se apenas ao estudo das estruturas da língua privando o aluno de um aprendizado significativo e participativo da Linguagem.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Ensino. Gramática.

ABSTRACT

This article is part of a research entitled "Portuguese Language: an analysis of teaching in the initial grades" aiming to analyze how the teaching of the Portuguese language is taught. The methodological line used is the Dialectical Historical Materialism which enables the vision of the totality and the contradictions present in the teaching process. It was developed, having as theoretical base the following authors: Silva (2000), Lima (2006), Bagno (1999), Antunes (2007), Neves (2002), Cury (1985) and Perini (2006). The emphasis given to the teaching of grammar exclusively in the classroom ignores the main object of teaching the Portuguese Language, the language in its various modalities, attending only to the study of language structures depriving the student of a meaningful and participatory learning of Language .

Keywords: Portuguese Language. Teaching. Grammar.

1 INTRODUÇÃO

O ensino da gramática é ministrado desde as séries iniciais estendendo-se até o fim do processo escolar. Gramática significa segundo Silva, (2002) “a arte de ler e escrever”. Deste modo, os objetivos desse ensino seria ensinar aos alunos a leitura e a escrita. Entretanto, nossa realidade escolar tem demonstrado a ineficácia da mesma resultando no fracasso escolar dos alunos, onde a maioria apresenta dificuldades na escrita e na leitura. Segundo informações contidas nas diretrizes de Língua Portuguesa, o ensino desta é

ministrado de duas maneiras: priorizando-se o ensino da gramática ou a análise linguística. Ambas assumem características diferentes refletindo na qualidade do ensino.

O ensino que prioriza a gramática é chamado de normativista, assumindo caráter tradicional. A Língua Portuguesa é vista como um sistema fechado, onde mudanças não são “permitidas”; há uma fragmentação no ensino onde as aulas de gramática não se relacionam com as aulas de leitura e produção textual. A metodologia utilizada tem caráter transmissivo e dedutivo, ou seja, os conteúdos são apenas repassados, transmitidos aos alunos; as atividades propostas sempre seguem um modelo estipulado.

Tais atividades privilegiam as habilidades linguísticas onde a linguagem é considerada objeto de estudo, porém não como prática social o que proporcionará a análise e compreensão. Os conteúdos gramaticais são abordados isoladamente, como por exemplo, trabalha-se a gramática partindo de textos. Entretanto dos mesmos são retirados e trabalhados apenas frases e palavras isoladas, desvinculadas do sentido dos textos. Os gêneros discursivos são ignorados, trabalhando-se apenas com a norma culta, desconsiderando o funcionamento e a interação verbal de tais discursos construídos pelos sujeitos.

O ensino da língua portuguesa baseado na prática da análise linguística contrapõe-se ao ensino anterior. A língua é vista ou entendida como algo em constante transformação; cria e recria-se a todo momento, resultado das interações entre os sujeitos. A metodologia utilizada baseia-se na indução, ou seja, o aluno é estimulado a chegar à “resposta correta”, e a compreender todo esse processo. Para isso parte-se de situações vivenciados pelos alunos ou de seus conhecimentos a respeito dos mesmos. A língua trabalhada é a dos próprios alunos, produzida pela interação entre os mesmos em diversas situações sociais. A produção textual é incentivada, sendo esses textos utilizados como objeto de trabalho, não retalhados, mas trabalhados em sua forma e sentido original, completo. Igualmente ocorre com os gêneros discursivos, os quais são trabalhados em suas várias modalidades e funções, pois estes fazem parte da língua também.

2 GRAMÁTICA E SUA ORIGEM: UM BREVE HISTÓRICO

Para que possamos analisar, compreender e até criticar o ensino da gramática levantando seus prós e contra, é necessário realizarmos um estudo sobre a mesma, suas origens, objetivos, contribuições ou “empecilho” para o aprendizado significativo da linguagem pelos educandos.

A gramática teve origem há dois séculos antes da era cristã na escola de Alexandria, sendo os gregos os primeiros a se dedicarem ao estudo gramatical e às suas estruturas gramaticais com objetivo de preservar a pureza da língua grega que estava sendo contaminada por barbarismos (LIMA, 2006, p.36).

Essa preocupação em proteger a língua, teve início com a constatação de diferenças na linguagem corrente da população em relação à língua clássica. Amedrontados que tais diferenças pudessem atingir e modificar a língua, os gregos criaram uma gramática da mesma, com objetivo de garantir sua preservação e sua “pureza”. Como mostra Bagno (1999, p.56).

Quando o estudo da gramática surgiu, no entanto, na antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas consideradas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Alias a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever”.

Essa gramática teve por base as obras de escritores clássicos que seguiam a risca a linguagem grega sendo tomadas como padrões a serem seguidos. Segundo Neves citado por (Lima, 2006, p. 103-104).

Tendo-se tomado ciência da discrepância entre os padrões do grego clássico e a linguagem corrente, contaminada de barbarismos, põem-se em exame os autores cuja linguagem autenticamente grega oferece os padrões ideais que devem ser preservados. Essa necessidade especial de divulgação do helenismo impulsiona o desenvolvimento dos conhecimentos literários e linguísticos: buscam-se os textos verdadeiros, não corrompidos,

especialmente os de Homero, e levantam-se os fatos que caracterizam essa língua considerada modelo (1987, P.103-104).

A criação da gramática, segundo Antunes (2007), nada mais foi, e continua ser, uma forma de controlar determinada língua contra ameaças de desaparecimentos e declínios. Entretanto, esse controle apresenta interesses mais amplos que vão além de mera preservação. Entre eles estão interesses políticos, econômicos e sociais. Nada melhor do que utilizar a linguagem como forma de dominação.

Através do domínio da língua, domina-se a população, facilitando assim, o desenvolvimento de interesses de quem governa. Como cita Antunes (2007, p.36) “Em suma, foi sendo atribuído aos compêndios de gramática um papel de instrumento controlador da língua, ao qual caberia conduzir o comportamento verbal dos usuários, pela imposição de modelos ou padrões”. A criação da gramática, na verdade tinha por objetivo a regularização, o estabelecimento de um padrão na língua escrita, “trata-se de um estudo, que pelas condições de seu surgimento, se limita à língua escrita, especialmente a do passado, mais especificamente à língua literária e, mais especificamente ainda, à grega” (NEVES, 2002. p. 49). Entretanto essa regularização se estendeu à língua falada, gerando maiores problemas.

A regularização da língua culta realizada pelos manuais gramaticais estipulando-a como a única correta, digna e pronunciada pela classe dominante, se analisarmos mais profundamente, deparar-nos-emos com um dos maiores fortalecedores das diferenças sociais. A linguagem utilizada por cada pessoa passou a ser um espelho de sua condição social. Se a língua utilizada for a culta o indivíduo conquista certo respeito diante da sociedade; já se a língua utilizada se diferenciar desta, este indivíduo na maioria das vezes passa a sofrer preconceitos, pois não se encaixa no padrão estipulado pela sociedade. A linguagem passou a ser um marco delimitando os que pertencem à classe culta e os que não pertencem a ela. Como critica Bagno (1999, p.149).

“A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais”.

É interessante analisarmos a influência exercida pela gramática principalmente nas escolas, pois a mesma passou a determinar o certo e o errado na língua mesmo tendo nascida muito depois do surgimento da linguagem. É indispensável esse olhar crítico do professor frente ao ensino da gramática, assim como é indispensável que os mesmos estejam cientes do que realmente esteve por trás da criação da gramática para que possam ministrar esse ensino de maneira eficiente.

Assim, se analisarmos a função que a gramática ocupa nas nossas escolas hoje, vamos constatar que a mesma continua a desenvolver o papel que lhe foi atribuído quando surgiu, o de repassar a língua culta utilizada pela sociedade, fortalecendo-a, mantendo sua legitimidade.

3 O ENSINO DA GRAMÁTICA

Se questionarmos a função da escola para com as nossas crianças, a resposta será unânime: ensinar a leitura e a escrita. Para desenvolver essa função, a escola utiliza a gramática como ponto de partida, a qual passa a ocupar papel central no processo ensino/aprendizagem, pois se acredita que para a criança aprender a ler e a escrever, a mesma precisa dominar a gramática da língua.

Entretanto, há muitas críticas a essa metodologia, pois a maneira como a gramática vem sendo ensinada em sala de aula, não tem contribuído com os objetivos do ensino da Língua Portuguesa, que seria desenvolver a competência linguística dos alunos. Assim, o ensino da gramática torna-se inútil. Nota-se que a escola, ao dar tanta ênfase à gramática da língua, com inúmeros exercícios gramaticais, deixa de lado outros itens que contribuiriam em muito para o verdadeiro domínio da linguagem pela criança.

Assim, a gramática transforma-se em “algo” nocivo à aprendizagem, característica que é confirmada na prática cotidiana em sala de aula, onde o objetivo do ensino da língua portuguesa tem se restringido ao ensino das estruturas e regras gramaticais da língua, ignorando seu principal objeto de estudo: a linguagem em suas várias formas de comunicação e interação humana.

Essa ênfase ao ensino da gramática ganha certa justificativa, segundo Antunes (2007), pela falsa ideia que língua e gramática são a mesma coisa. Assim, ingenuamente, a escola ensina a gramática crendo que esta ensinando a língua. A gramática nada mais é que uma das partes integrantes da língua, sendo responsável pela regularização da mesma, ao estabelecer determinadas regras, e não a própria língua. Tem função reguladora, mas não regula tudo; é importante, mas não é tudo. Sendo assim “[...] restringir-se, pois a sua gramática é limitar-se a um de seus componentes apenas. É perder de vista sua totalidade e, portanto, falsear a compreensão de suas múltiplas determinações” (ANTUNES, 2007, p. 41).

Entretanto, torna-se praticamente impossível pensar no ensino de língua portuguesa incumbido de ensinar a leitura e a escrita, sem que a gramática nos venha à cabeça. Atribuímos inconscientemente o aprendizado destes, ao aprendizado da gramática. Certamente o mesmo ocorre com os professores que na maioria das vezes sem conhecimento e formação suficiente incorporam essa concepção, de que para dominar a língua é necessário o domínio de sua gramática, resultando no fracasso linguístico dos alunos, os quais ao invés de estudarem a língua em seu pleno funcionamento, estudam isoladamente apenas sua gramática.

O estudo da gramática é importante e deve ocorrer, pois o aluno conhecendo as estruturas da língua irá utilizá-la de maneira mais consciente (LIMA, 2006). Todavia esse ensino não deve ser precipitado como vem ocorrendo. Como cita Bagno (1999, p. 52) “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficialmente, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma”.

Esse ensino deveria ser precedido pelo estudo da língua em suas verdadeiras condições de uso, com objetivo de proporcionar aos alunos o conhecimento e domínio das diferentes formas de comunicação, incluindo as diferentes tipologias textuais existentes e não apenas a norma culta e sua gramática, para que no “fim do processo” os mesmos sejam capazes de optar pela linguagem que mais se adapta a situação vivenciada. Como pontua Antunes (2007, p.99), “é de fundamental importância saber discernir o que é adequado a

cada situação, para se poder, com eficiência, escolher esta ou aquela norma, este ou aquele padrão vocabular, este ou aquele tom, esta ou aquela direção argumentativa”.

Estes, os gêneros discursivos, deveriam ser as prioridades e os principais objetivos do ensino da língua portuguesa, possibilitando assim aos alunos o verdadeiro domínio sobre a língua, para posteriormente partir para o ensino da sua gramática. Mas infelizmente a realidade desse ensino está invertida, parte-se do ensino da gramática para então se trabalhar com a língua em si, e quando isso ocorre, pois na maioria das vezes o ensino da Língua Portuguesa fica restrito apenas ao ensinamento das regras gramaticais. Como alerta Bagno (1999, p.107-108).

Esse ensino [...] em vez de incentivar o uso das habilidades linguísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva) cuja consequência inevitável é a criação de um sistema de incapacidade, de incompetência.

Na realidade o que ocorre é que por trás dessa ênfase ao ensino da gramática, ao ensino tradicional existem certos objetivos implícitos que se encontram camuflados a nossos olhos, sendo estes os interesses da classe dominante em propagar sua ideologia, e sem que nós percebamos são concretizados com êxito pela escola. Através da educação são disseminados os interesses da classe dominante inclusive sua linguagem, assegurando sua existência e sua supremacia. A escola ao invés de contribuir para a democratização da educação, para a diminuição das desigualdades sociais, assume papel de propagadora dos interesses da classe dominante, a educação passa a ser mediadora desses interesses, é incumbida de repassá-los.

A educação contribui para a reprodução das relações de produção enquanto ela, mas não só ela, forma a força de trabalho e pretende disseminar um modo de pensar consentâneo com as aspirações dominantes. Isso se dá pela mediação de práticas sociais que concorrem para a divisão do trabalho, entre as quais as práticas escolares. Evitando a conjugação teoria/prática, impedindo o desenvolvimento de uma ideologia própria do operariado, enfim, evitando a democratização do ensino, a burguesia procura impor a

sua própria ideologia ou então uma ideologia regressiva, a fim de manter a relação capital/trabalho. (WARDE, *apud* CURY 1985, p.59).

Analisando tal situação, não interessa aos que governam, aos que detém o poder, oferecer uma educação de qualidade principalmente uma educação crítica à população, pois isso resultaria em indivíduos mais cientes, de seus direitos, obrigações e das injustiças sociais existentes. Torna-se mais lucrativo utilizar a educação como instrumento disseminador desses interesses do que proporcionar formação crítica aos indivíduos, representando ameaças ao poder. Segundo Antunes (2007, p.80), essa postura precipitada da escola, em trazer para as séries iniciais o estudo da gramática da língua torna-se prejudicial à aprendizagem, pois,

[...] não há por que se apressar e trazer para as primeiras séries a estranheza da metalinguagem, com definições, classificações e subdivisões. É hora dos primeiros contatos da criança com a reflexão sistemática sobre o mundo da linguagem: que essa reflexão, nesse primeiro momento, não perturbe a possibilidade de admirar o quanto esse mundo é fascinante.

O mesmo considera mais importante o desenvolvimento de atividades mais simples para estimular o gosto e o aprendizado da língua pelas crianças nas primeiras séries, e que com certeza surtiriam maiores efeitos do que iniciar a alfabetização com o estudo da gramática e com a realização de exercícios gramaticais isolados da língua. Como cita Antunes (2007, p.80):

O diálogo, a conversa, a escuta de historinhas, os relatos, as justificativas é que devem preencher as situações orientadas para o desenvolvimento específico da linguagem. Além disso, a leitura de bons textos, cheios de interesses, de graça ou poesia e de encantamento é o melhor caminho para levar a criança a descobrir um sentido para a linguagem, para a escrita e os meios em que ela circula (livros, jornais, revistas, faixas, cartazes, meios eletrônicos, etc.

Assim, torna-se evidente que mais importante do que se enfatizar as regras gramaticais da língua desde o início da alfabetização, é proporcionar aos alunos atividades significantes, partindo dos conhecimentos que os mesmos já possuem, para então iniciar o

estudo da norma culta e sua gramática. Faz-se necessário que o aluno compreenda o significado da linguagem e sua função, para então compreender que existe uma norma culta de maior prestígio na sociedade e muitas vezes diferente da sua linguagem, mas que ele precisará aprendê-la, pois se deparará com situações em que a mesma lhe será solicitada.

As aulas de português têm se restringindo ao estudo da gramática da língua contrapondo-se ao verdadeiro objetivo do ensino de Língua Portuguesa, sendo assim, qual seria o sentido do ensino da gramática principalmente nas séries iniciais, se seu estudo da maneira como vem sendo ministrado não contribui para o aprendizado eficiente da leitura e escrita pelo aluno? Como expõe Perini (2006, p. 27-28).

Ninguém, que eu saiba, conseguiu até hoje levar um aluno fraco em leitura ou redação a melhorar sensivelmente seu desempenho apenas por meio de instrução gramatical. Muito pelo contrário, toda a experiência parece mostrar que entre os pré-requisitos para o estudo da gramática estão, primeiro, habilidade de leitura fluente e, depois um domínio razoável da língua padrão [...] Assim, para estudar gramática com proveito, é preciso saber ler bem – o que exclui a possibilidade de se utilizar a gramática como um dos caminhos para a leitura.

Acredita-se que pela gramática ser um conteúdo escolar, a mesma só é “adquirida”, apreendida pelo aluno quando o mesmo inicia sua vida escolar, por isso a necessidade da escola em acelerar seu ensino mesmo nas séries iniciais. Todavia, essa visão é um tanto quanto inadequada, pois na realidade desde o início do aprendizado da linguagem pela criança, a gramática se encontra presente. Através da convivência com as pessoas, a criança vai aprendendo a sua língua materna (língua portuguesa) na qual a gramática já é utilizada.

Assim, inconscientemente a criança já domina uma parte da gramática da sua língua, sua linguagem se assemelha com a de um adulto que passou anos e anos estudando gramática. Sendo assim, o ensino de língua portuguesa em sala de aula deveria partir da própria linguagem das crianças, dos conhecimentos gramaticais que as mesmas já possuem para então ser aprofundada. Como pontua Neves (2002, p.226):

Ora, em tal ponto de vista, tem significado, especialmente para esse nível de ensino, o tratamento funcional da gramática, que trata a língua na situação de produção, no contexto comunicativo. Basta lembrar que saber expressar-se numa língua não é simplesmente dominar o modo de estruturação de suas frases, mas é saber combinar essas unidades sintáticas em peças comunicativas eficientes, o que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos de comunicação e às condições de interlocução. E tudo isso se integra na gramática.

O ensino da gramática não consiste no ensino apenas das estruturas da língua isoladamente como vem ocorrendo, tomando-se como exemplo palavras soltas que não fazem nexos para os alunos. Esse ensino deve partir e ocorrer no momento de interação entre os alunos e professores, não deve ser ministrado como algo separado do ensino da língua portuguesa. Língua e gramática estão intimamente ligadas, ambas andam juntas, uma complementa a outra, entretanto não é essa visão adotada na maioria das vezes em sala de aula. Como alerta Neves (2002, p.238):

É preocupante verificar que os professores contemplam a gramática, especialmente como atividade de exercitação da metalinguagem [...] consideram que ela seja uma disciplina normativa. Despreza-se quase totalmente a atividade de reflexão e operação sobre a linguagem, do que resulta uma organização dos trabalhos em compartimentos totalmente apartados: de um lado, redação e leitura com interpretação (estruturação/representações/comunicação de experiências, mais interpretação de experiências comunicadas), e de outro, gramática (conhecimento do quadro de entidades da língua, e, também, alguns conhecimentos do que se considera bom uso da língua).

Para que determinado conteúdo venha a contribuir na aprendizagem, o mesmo precisa ser significativo, compreendido pelo aluno, no caso da gramática, torna-se necessário que os mesmos compreendam o porquê de seu ensino, que utilidade farão dela, compreensão esta estendida aos professores também, que na maioria das vezes não veem utilidade alguma no ensino da gramática, ensinam-na por que está estipulado no currículo escolar que devem ensiná-la. Somente compreendendo a verdadeira função da gramática que seu ensino ganha significado.

Entretanto, a língua portuguesa ainda continua a ser trabalhada nas escolas priorizando-se o ensino gramatical, restando pouco ou quase nenhum espaço para a análise linguística. Tal afirmação é comprovada através dos resultados obtidos com as análises das atividades desenvolvidas, as quais sem exceção enfatizam o estudo da gramática.

Parei aqui.

As atividades propostas pela maioria dos professores constituem-se de um texto, estudo do mesmo com questionários quase sempre iguais, como por exemplo, Qual é o nome do texto? Onde se passa a história? Quais são os personagens dos textos? Passando para o estudo da gramática que significa retirar palavras do texto e separá-las em sílabas, circular os ditongos, classificar quanto ao número de sílabas, passar determinada frase do texto para o plural ou o contrário e assim se segue. Enfatiza-se questões referentes a morfologias, ou seja, classificação e formação das palavras e a fonética, e raramente há questões de sintaxe encarregada da organização e formação das frases e textos. Assim, o resultado final do processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais é o que está presente na nossa realidade, crianças, jovens e adultos sem condições de escrever um texto, pois não conseguem organizar suas ideias, colocá-las no papel.

As atividades propostas não visam à formação crítica da criança, situação comprovada nos questionários de análise dos textos propostos, as quais para serem respondidas não exigem da criança a análise, reflexão e compreensão do texto. As respostas são óbvias é só seguir a ordem do texto que as respostas estarão ali, todas uma abaixo da outra, cabendo ao aluno apenas transcrevê-las no caderno. Abaixo segue uma das atividades analisadas tendo como título: O raiozinho de sol e a formiga.

A presente atividade utiliza um texto com caráter motivacional, contribuindo para a formação da autoestima dos alunos, e a reflexão sobre a existência de diferenças na nossa sociedade. Entretanto não foi proposto atividades debatendo essas diferenças existentes entre as pessoas, questões estas de suma importância para a formação do aluno, todas as atividades não vão além do que está no texto, o qual passa a representar um muro de onde não se consegue ultrapassar, ou melhor, não se incentiva o aluno a ultrapassá-lo.

Uma característica que nos chamou atenção, foi a quantidade de questões de interpretação do texto e a quantidade de questões de gramática, as quais são em número bem menores. Sendo sete questões de interpretação e três de gramática estruturadas aparentemente com um único objetivo, o de apenas estar presente no estudo do texto, pois sua proposta de resolução em nada contribui para a compreensão das mesmas pelo aluno, ou seja, não é discutido com o aluno o porquê da diferença de classificação das palavras em ditongo, tritongo e hiato, apenas lhe é solicitado que encontre palavras que apresentem esses encontros vocálicos sem a necessidade de justificá-las. Mais proveitoso seria se essas classificações fossem reconhecidas no corpo do texto, onde a percepção de suas diferenças seriam mais visíveis, como a constatação de ditongos nasais e orais, ou seja, a diferença de sons na pronúncia de determinadas palavras e as diferentes intensidades de cada sílaba.

Propor atividades onde a resolução ocorra no próprio corpo do texto o transforma de pretexto para sujeito central da atividade, pois “O estudo da língua que se ancora no texto extrapola o tradicional horizonte da palavra e da frase. Busca-se, na análise linguística, verificar como os elementos verbais (os recursos disponíveis da língua), e os elementos extra verbais (as condições e situação de produção) atuam na construção de sentido do texto” (Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, 2008), assim, o estudo da gramática assumiria seu verdadeiro papel no ensino da Língua Portuguesa deixando de ser visto com “perca de tempo”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade nos mostra as contrariedades existentes no sistema educacional, onde a teoria defende e incentiva uma postura crítica do educando frente aos conteúdos e metodologias, mas na realidade em sala de aula seu posicionamento é praticamente o contrário, há um abismo entre a teoria e a prática resultando no fracasso educacional.

Cabe a nós educadores começarmos a mudar essa realidade, não vemos a teoria que relata a necessidade de um ensino de qualidade com algo apenas pregável, mas não praticável, pois apesar das dificuldades e diferenças existentes nas escolas a maior delas é a

falta de vontade de mudar, de fazer diferente, de proporcionar aos nossos alunos uma educação de qualidade que possibilite aos mesmos fazer a diferença na sociedade e não apenas se adequar a ela.

Referências

- ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática**: Por um ensino sem pedras no caminho. 1ª Edição. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**. 4ª Edição. São Paulo: Ed. Cortez, 1985.
- PARANÁ, **Diretrizes Curriculares da Educação Básica-Língua Portuguesa**. SEED: 2008.
- PERINI, Mário. **A Gramática descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2006.
- SILVA, Délcio Barros da. **As principais tendências pedagógicas na prática escolar Brasileira e seus pressupostos de aprendizagem**. Disponível em: http://www.ufsm.br/lec/01_00/DelcioL&C3.htm>. Acesso em: 15 fev. 2009.
- SONIA, Natália de Lima. **A decisão de ensinar (ou não) a gramática teórica**: depoimentos de professores de rede pública. Taubaté, São Paulo, 2006. Dissertação
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática-história, teoria, análise e ensino**. São Paulo. UNESP, 2002.